

A voz do bom senso

DES

08.03.88

pág. 3

Expressando opiniões sensatas sobre muitos problemas que têm surgido no âmbito dos trabalhos da Assembléia Nacional Constituinte, o presidente do Sindicato dos Eletricitários de São Paulo revelou que, na representação do pensamento dos trabalhadores que lidera, no propósito de levar às lideranças parlamentares as justas reivindicações que eles formulam, teve oportunidade de conversar com senadores e deputados integrantes das mais diversas correntes políticas daquela Assembléia. Disse mais Antônio Rogério Magri: "Só não conversei com as esquerdas, porque o pensamento delas a gente conhece e elas são irredutíveis". Trata-se de radicais que clamam pelo diálogo, mas só o travam se tiverem certeza de que os resultados a alcançar são os que preestabeleceram para, por exemplo, ampliar o domínio do Estado sobre a sociedade ou assegurar a adoção de medidas tendentes a, na prática, promover a *socialização da miséria*. É preciso reconhecer que, diante de tal postura, torna-se impossível atingir uma média de pontos de vista ou uma resultante de opiniões aptas a atender a vontade coletiva.

No entanto, são precisamente esses radicais que, enquanto *patru-lham* quem lhes faz oposição (*remember* cartazes do PT apontando

os congressistas do Centrão como "traidores do povo"), buscando criar todo tipo de constrangimento a seus adversários a fim de inibi-los e mesmo, se possível, imobilizá-los, repetem da boca para fora que estão dispostos a trocar idéias, que são abertos ao diálogo etc. Nada os fará recuar das posições em que se encastelaram: se não puderem avançar na linha de um proclamado *progressismo* que se atribuem, permanecerão onde estão, à espreita de uma ocasião adequada a arremeter contra a ordem social; abalar a comunhão em que se sustenta e, ainda que com recurso à violência, impor uma nova ordem cuja meta maior será a igualdade (jamais alcançável), com sacrifício da liberdade — da mesma liberdade que terão explorado até galgar posições de mando que lhes permitam exterminá-la.

Cabe descer a pormenores e verificar que o *progressismo* mencionado constitui palavra vã, empregada em sentido contrário àquele que deveria traduzir e chega a ser, de fato, um reacionarismo insuportável. Na vida moderna o que caracteriza evolução é a liberdade: no plano político-social, traduzida nas providências que abrirão a todos a igualdade perante a lei ("governo para o povo", na definição de Lincoln); no domínio econômico, garantida por via da expansão da livre

empresa, cujo atrativo principal é o lucro legítimo que recompensa a criatividade e o risco de quantos reúnam capital para tentar produzir e distribuir riqueza e elevar o padrão de vida da coletividade.

Ora, não há posição mais reacionária do que a dos supostos progressistas, que se esforçam por ampliar os tentáculos do poder público até que se tenha tornado onipresente e onipotente, instalando a ditadura de uma classe de burocratas que, suprimido o capital privado, comandarão a seu bel-prazer homens reduzidos à condição de peças da engrenagem que o capitalismo de Estado movimenta. O quadro do mundo atual, dividido em dois, demonstra a quem tenha olhos e ouvidos disponíveis à apreensão da realidade duas sociedades nitidamente distintas: uma, encilhada pela tirania, a debater-se na busca da liberdade; e, enquanto luta, condenada a suportar padrões de vida inferiores; outra, em que formas mais aperfeiçoadas, ou menos, do governo do povo, se dirigem para a democracia e para o Estado liberal, e na qual se pode progredir individualmente pelo próprio talento. Eis a sociedade que se apresta para oferecer ao povo uma qualidade de vida ascendente, com melhor remuneração aos mais capazes. É o caso de perguntar: onde se situam os reacioná-

rios e onde militam os autênticos progressistas?

Para remate, acentuam-se estas palavras de Antônio Rogério Magri: "Noventa por cento do movimento (sindical) é formado de dirigentes equilibrados; o problema é que esse pessoal sofre o patrulhamento das esquerdas. Não é o meu caso, porque não me preocupo com patrulhamento. Tenho consciência do que falo e assumo minhas posições". Infelizmente, são poucos, ainda, os que podem exprimir-se com tamanha independência diante da coação tecnicamente desencadeada por inimigos que se empenham em calá-los. A missão da comunicação de massa, nesta emergência, é impedir que tal coação prevaleça; é dar repercussão à voz dos dirigentes moderados, fazendo recuar quem queira amordaçá-los. É essencial que se dê eco às palavras de bom senso que o presidente do Sindicato dos Eletricitários de São Paulo proferiu, ao encerrar a entrevista que dá ensejo a este comentário: "A verdadeira estabilidade no emprego é a estabilidade econômica da empresa, porque se o País não estiver bem o trabalhador não será bem pago. Nenhum vínculo é indissolúvel. Se passasse a estabilidade como as esquerdas queriam, nenhum capital internacional viria para cá".